

TECENDO VIDAS: ARTESANATO EM LÃ, SABERES E IDENTIDADE TERRITORIAL NO PAMPA

Paulo Felipe Soares Biehl¹
Cassiane da Costa²

RESUMO

O objetivo desse artigo foi pesquisar saberes e aspectos identitários relativos ao artesanato em lã no pampa brasileiro. Para alcançar esse objetivo, foram realizadas oito entrevistas com artesãos e artesãs do município Santana do Livramento com auxílio de um roteiro de questões. Os artesãos e as artesãs resgatam a trajetória de suas vidas junto a essa paixão de tecer individualmente ou em grupo, de diferentes formas, preservando a rusticidade. Acompanhando as mudanças do mercado, somando os saberes repassados no interior da família e nos cursos, o artesanato em lã e as pessoas que o fazem garantem a vitalidade da identidade territorial do pampa a cada nova peça que produzem, carregada de significados.

Palavras-chave: Artesanato. Cadeia da lã. Saberes. Identidade territorial. Pampa brasileiro.

WEAVING LIVES: WOOL CRAFTS, KNOWLEDGES AND TERRITORIAL IDENTITY IN THE PAMPA

ABSTRACT

This article aims to investigate knowledge and identity aspects related to wool craft in the Brazilian Pampa. Therefore, we carried out eight interviews with female and male artisans from Santana do Livramento through a script of questions. The artisans recover the trajectory of their lives along with this passion for weaving individually or in a group, in different ways, preserving rusticity. Following market changes, gathering the knowledge passed through family and courses, wool craft and people who produce it guarantee the vitality of territorial identity of the Pampa with each new garment they produce, full of meanings.

Keywords: Craft. Cycle of Wool. Knowledge. Territorial identity. Brazilian Pampa.

¹Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial pela UERGS, Especialista em Desenvolvimento Territorial e Agroecologia pela UERGS. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Santana do Livramento. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: paulofelipe23@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2724-2646>

²Doutora em Extensão Rural, Professora Adjunta de Desenvolvimento Rural na UERGS. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Santana do Livramento. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: cassicostafx@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4099-0972>

INTRODUÇÃO

Os saberes artesanais relacionados à confecção do artesanato em lã fazem parte da riqueza cultural existente no território pampa. Homens e mulheres carregam essa herança cultural, mesmo passando por transformações ao longo dos anos, adaptando-se aos tempos modernos. Conforme Vargas (2016), passamos de um produto do dia a dia, necessário para a lida de campo ou para as vestimentas do gaúcho e seus afazeres, para peças de valor cultural e de moda, que se tornam um patrimônio cultural do território. Esses saberes perpetuam-se no tempo, dando uma identidade única a cada item envolvido nesta arte (VARGAS, 2016).

O artesanato em lã é uma técnica natural do trabalho manual, realizado por artesãos e artesãs, e utilizada para produzir objetos feitos a partir de matéria-prima natural. É uma atividade que carrega certa simplicidade e rusticidade em sua confecção, transmitindo trabalho, valores, técnicas, cultura e aprendizado. No pampa gaúcho, o conhecimento de técnicas aprendidas no passado enfatiza dinâmicas produtivas e reproduz o legado de um patrimônio cultural, fazendo uso dos elementos tradicionais, tal como a matéria-prima disponível, a lã ovina (VARGAS, 2016).

Com um rebanho de 289.194 cabeças de ovinos (IBGE, 2017), Santana do Livramento-RS se destaca na produção de lã no Brasil. O rendimento da criação decorre da comercialização do borrego, da ovelha para o abate e da lã destinada à confecção de peças de forma artesanal e para indústrias de roupas.

O município é rico em lã devido aos grandes rebanhos de ovelhas, produzindo a matéria-prima em grande quantidade para o artesanato em lã e outros usos. Há décadas, essa lã era exportada, ficando apenas sobras para serem usadas pelas mulheres da família que confeccionavam vestimentas para o uso na lida de campo e para proteger do frio, como os ponchos e os palas. Também era feito o xergão para proteger o lombo do cavalo, peça usada na encilha do cavalo para manejo do gado. As mulheres usavam xales e mantas fabricadas por elas rusticamente e ainda eram confeccionados cobertores de lã para aquecer nas noites frias do inverno pampeano.

Ao longo do tempo, o artesanato em lã se tornou um produto importante do território pampa que precisa ser mais bem estudado. Nesse sentido, o objetivo desse artigo foi pesquisar saberes e aspectos identitários relativos ao artesanato em lã no pampa brasileiro. Buscou-se compreender aspectos identitários relacionados ao artesanato; estudar a trajetória do artesanato em lã imbricada nas trajetórias dos artesãos e artesãs; e entender as continuidades e mudanças no artesanato em lã. A partir dessa proposta, foi realizada uma pesquisa de campo junto a artesãos e artesãs de Santana do Livramento-RS.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de resgatar os saberes do artesanato em lã e pela relevância do tema junto à sociedade, pela importância cultural no território pampeano. Os produtos oriundos da lã e trabalhados por mãos habilidosas fazem parte da indumentária do gaúcho e da gaúcha, como o pala, e do arreamento dos cavalos que auxiliam na lida de campo, como o xergão. Dessa forma, eles constituem-se como marcas desse território, perpetuando-se ao longo das gerações, expressando bens, valores e modos de vida.

O reconhecimento dessa cultura se faz necessário para entender de onde vem essa relação do artesanato em lã com o gauchismo. Entendemos que os artesãos e as artesãs usam seus saberes tradicionais adquiridos ao passar dos anos de seus antepassados, seja por ensinamento ou observação, para levar adiante o amor do gaúcho pelo cavalo e os afazeres diários no campo. Cultiva-se, assim, a maneira rústica de confeccionar os produtos em lã crua, por vezes recriados. Junto a isso, caminha a tradição de andar a cavalo, de laçar, de paletear e de desfilar no dia 20 de setembro (Dia do Gaúcho).

Cabe ressaltar que o papel do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) em relação à formação da identidade dos produtos artesanais em lã é secundário. O MTG é um potencializador do mercado para os produtos artesanais gauchescos, entretanto, a identidade dos produtos é construída pelos (as) artesãos (ãs) ao longo do tempo. O mercado dos produtos artesanais é formado por adeptos do tradicionalismo, mas também por adeptos de um movimento turístico e cultural, daquelas pessoas que apreciam o rústico e o autêntico, como mostra Vargas (2016).

Por outro lado, também há mudanças. Muitas peças se adaptam para agradar aos consumidores que também mudaram. Alguns gaúchos e algumas gaúchas continuam comprando pala e cobertor de lã para escapar do frio do inverno, continuam comprando xergão para usar na encilha do cavalo para lidar com o gado. Por outro lado, algumas peças foram modificadas, ganharam detalhes e novos desenhos para agradar consumidoras e consumidores das cidades. Também é importante entender essas mudanças. Nesse sentido, é relevante a pesquisa acadêmica a fim de divulgar esses saberes, identificando os sujeitos desse território junto aos seus produtos produzidos artesanalmente.

O texto está estruturado em cinco seções, além dessa introdução. Em “Metodologia” são apresentadas as técnicas e ferramentas escolhidas para a pesquisa. Nesse item também é realizada uma breve caracterização dos (as) entrevistados (as). Em “Artesanato em Lã, Pampa e Identidade Territorial” trabalha-se a relação entre produtos e saberes oriundos do trabalho de artesãos (ãs) com a lã e a identidade territorial no pampa brasileiro. Em “Trajetória do Artesanato em Lã e Trajetórias de Vida Entrelaçadas” mostra-se como aspectos históricos do artesanato em lã no território estão inscritos nas vidas e nas memórias de artesãos e artesãs. Na sequência, em “Continuidades e Mudanças: Agora Eu Tô Chique! Tenho Roca Elétrica” volta-se o olhar para os aspectos que permanecem e as recriações do artesanato em lã. Por último, o artigo traz algumas considerações finais.

METODOLOGIA

O método utilizado é o estudo de caso. Segundo Yin (2011, p. 32), o estudo de caso é um dos métodos utilizados em pesquisa nas ciências sociais, remetendo a “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. A partir disso, voltamos a atenção para as especificidades sociais, culturais e históricas que envolvem a temática estudada no município de Santana do Livramento, no pampa brasileiro. O município de Santana do Livramento é conhecido como Fronteira da Paz. Faz fronteira com a cidade de Rivera, no Uruguai, estando localizado junto à BR-158, a 498

quilômetros de distância da capital Porto Alegre, na região da Fronteira Oeste do RS. Possui uma população estimada em 77,763 mil habitantes (IBGE, 2018).

Para alcançar o objetivo, foram realizadas entrevistas com artesãos e artesãs com auxílio de um roteiro de questões. Para a escolha dos (as) entrevistados (as), utilizou-se a lista de artesãos e artesãs do município da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários Fronteira da Paz. O primeiro contato foi realizado em evento organizado pelo pela equipe da incubadora.

As entrevistas aconteceram em agosto de 2018. Foram realizadas oito entrevistas com pessoas que trabalham com artesanato em lã há vários anos no município. Os (As) entrevistados (as) foram informados (as) individualmente sobre os objetivos da pesquisa, seus benefícios à comunidade e sobre a não obrigatoriedade de participação. Cada entrevistado (a) assinou um termo de consentimento livre e esclarecido. Durante a pesquisa de campo, as informações foram registradas em caderno de campo e as entrevistas foram gravadas em gravador digital, com a devida autorização dos (as) entrevistados (as). Posteriormente, foi realizada a transcrição integral das entrevistas e a sistematização das informações por tema de interesse para a redação do artigo.

Em Santana do Livramento, os (as) artesãos (ãs) entrevistados (as) têm de quatro a 41 anos dedicados a esse tipo de artesanato. Poderíamos tipificá-los pela forma de organização do trabalho. O trabalho individual é realizado por Eraci, Cesar, Leci, Vanderleia e Ângela. Já o trabalho coletivo é feito por Ana, no Empreendimento de Economia Solidária Vera Lúcia, ou por Fernando, na Associação Teares do Sul. A comercialização é feita em loja por Fernando, na Casa da ECOSOL, e por Ângela, em loja própria localizada na beira da rodovia. Outras formas de comercialização são venda em feiras, venda em casa para consumidores finais ou atravessadores e venda para correarias de outras cidades. A internet também é utilizada pelas redes sociais, servindo como meio de comunicação rápido e eficiente. Algumas artesãs permanecem no campo e têm relação com a ovinocultura, como Ana e Leci. Já as (os) demais vivem na cidade, sendo algumas (alguns) oriundos (as) do rural.

ARTESANATO EM LÃ, PAMPA E IDENTIDADE TERRITORIAL

O termo Pampa refere-se ao bioma que se estende por uma imensa área que engloba a Argentina, o Uruguai e parte do Brasil. No caso brasileiro, o Pampa está presente na metade sul do Rio Grande do Sul, ocupando a maior parte da área do Estado. Além de importantes atributos naturais, o Pampa guarda uma imensa riqueza cultural construída a partir de modos de vida de grupos sociais que ocuparam e que ocupam essa imensa área. Assim, o Pampa também remete a território e à construção de identidades. Conforme Saquet (2007), o território é um lugar de identidade e relações sociais, onde a natureza revela suas maravilhas, dando condições para mudanças, apropriação, mobilidade, respeito, tradição, cultura, condições para viver e produzir.

O artesanato em lã está presente há séculos no pampa, relacionado à criação de ovinos, de bovinos e a própria construção do gaúcho. Em visita à área correspondente ao pampa brasileiro, realizada no séc. XIX, Saint-Hilaire (1987) enfatizou a riqueza da região que estava voltada para a criação de gado a campo nativo. Conforme ele, as principais peças de roupas

eram criadas artesanalmente a partir da utilização do fio da lã de ovelha, destacando algumas peças do vestuário do homem do campo, como o chiripa e o poncho. Ele também falou do xergão, usado para o serviço no campo, uma peça de montaria produzida com lã grossa para ser colocada sobre o cavalo (SAINT-HILAIRE, 1987).

O poncho é uma vestimenta característica do gaúcho. A partir de uma construção histórica e sociocultural, e de elementos como pecuária de corte extensiva e pampa, surgiu o gaúcho e a gaúcha como habitantes do pampa e trabalhadores (as) da pecuária com modo de vida característico. O gaúcho é, socialmente, um produto do pampa, como, politicamente, é um produto da guerra, visto como ser rude que foi contemporaneamente incorporado à identidade regional (OLIVEN, 1983).

A confecção rústica do poncho gera uma aparência peculiar. Esse era o traje utilizado pelos peões e vaqueiros para o dia a dia e também nas longas tropeadas, levando gado de uma ponta à outra do Rio Grande do Sul, protegendo do frio e da chuva e podendo ser usado como cobertura de uma barraca improvisada de estacas, fornecendo, assim, um abrigo para passar a noite (LAYTANO, 1983). Já sobre as peças utilizadas pelas mulheres, há relatos de algumas vestimentas produzidas artesanalmente com a fibra animal, como xales e mantas. Eram peças de características rústicas, utilizadas por camponesas ou trabalhadoras rurais do pampa brasileiro (ZATTERA, 1999).

Elementos do modo de vida dos gaúchos e das gaúchas “de antigamente” foram utilizados na construção de uma identidade que é forte no pampa. O artesanato em lã é um elemento importante da representação do “gaúcho”. O gauchismo, como “um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetiva celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante” (BRUM, 2010, p.69), foi propagado em representações culturais emergentes do pampa. Cada produto artesanal feito a partir da lã traz consigo um pouco dessa construção histórica e identitária. O pala, por exemplo, é uma peça de roupa típica do gaúcho, feita para manejar o gado sob o frio pampeano. Já o xergão foi e continua sendo utilizado como arreio para o cavalo na pecuária.

O artesanato em lã passou por transformações ao longo do tempo, mas manteve sua singularidade, tornando-se expressão da identidade territorial do pampa. Conforme Mello (2016), na sociedade globalizada contemporânea, o artesanato em lã tem o potencial de se manter a partir do seu reconhecimento como expressão identitária, favorecendo a construção e a projeção dos territórios.

A identidade está relacionada ao pertencimento a um grupo. Tratamos identidade territorial como uma “[...] noção imersa em subjetividade, focada na singularidade de realidades geográficas físicas e humanas de localidades e regiões” (MELLO, 2016, p. 53). Conforme Mello (2016), a identidade territorial tem se configurado como estratégia de promoção de sentidos sobre o território e tem sido utilizada em iniciativas de promoção de desenvolvimento com base nas relações sociais no território e a capacidade de fomentar atividades que tenham como base a diferenciação.

Os (as) artesãos (ãs) entrevistados (as) são guardiões (ãs) de saberes relacionados ao artesanato em lã no território. Esses saberes são de dois tipos, saber tradicional e saber reinventado, sendo que algumas pessoas combinam os dois. O saber tradicional é o saber fazer construído pela prática e pela experiência. É repassado de geração em geração dentro da família.

A artesã Eraci e o artesão Cesar guardam esse saber (ver Figura 1 e 2). O artesão tradicional reproduz os padrões culturais aos quais pertence e, por isso, interpreta as técnicas e, tradicionalmente, conserva-as como parte de sua história (VIVES, 1983).

Figura 1 – Artesã Eraci e os frutos do seu trabalho



Fonte: Arquivo dos autores (2018).

Figura 2 – Artesão Cesar e os frutos do seu trabalho



Fonte: Arquivo dos autores (2018).

Dona Eraci trabalha desde os 11 anos com artesanato em lã. Ela sempre viveu no rural e aprendeu o ofício com a mãe. A produção era utilizada na propriedade e comercializada para fazendas do entorno, principalmente as cobertas de lã. Quando perguntada sobre o que a levou a ser artesã, ela respondeu:

Sabe que um pouco já vem dos antepassados, por que era da minha bisavó, era minha vó, era minha mãe. [...] Agora aqui em casa o único que gosta do artesanato é o Aldo, é o do meio, por que a guria detesta uma poeira, o outro não me fala nada, mas não fica perto de mim 'ai, porque isso aí me dá irritação'. Eu digo: 'vocês se criaram eu dando o que comer pra vocês daí'.

O artesão Cesar também aprendeu arte de tecer na propriedade da família, com sua mãe e sua tia, quando vivia no rural. Ele traz o trabalho em lã como herança dessa época, conforme demonstra na fala: “A gente que é da campanha, do campo, sempre lidou com a lã, com a ovelha,

enfim a tosquia, e pra não perde o costume com se diz”. A elaboração das peças era “para o gasto”, conforme ele. O excedente de xergões e cobertas era comercializado na redondeza. Ele diz que faz o “xergão original”, trabalho rústico e tradicional, utilizando o tear de parede. “O tear de mesa tem que usar o fio fininho, então esse aqui eu já aprendi assim, eu faço o fio, eu armo ele com o fio da lã, não ponho piola e teço ele com a própria lã” (Cesar). Esse xergão original seria o preferido por quem trabalha com gado na região. Ele continua: “Ele já tem uma medida certa, meio desponta a carona, ele aberto sem dobrar na base de 1,60m a 1,70m”.

Cesar demonstra apego ao gauchismo e orgulho ao ver o resultado de seu trabalho, xergão, sendo utilizado no seu cavalo ou nos cavalos dos outros.

A gente mesmo tem que ter amor pra fazer as coisas. Eu gosto de fazer xergão. Tu sabes pelo mesmo tenho amor em fazer isso aí, até mesmo porque a gente lida com cavalo e encilha cavalo. Eu mesmo falo da minha pessoa, eu se vejo uma pessoa que o xergão já tá meio feio, eu já quero outro. Tem que ter mudança, tem que fazer um xergão. Até também o homem do campo, ele sabe que tem que cuidar do lombo do cavalo (Cesar).

Já o saber reinventado é aquele que é originado a partir da técnica acumulada e da hibridação. Ele é aprendido em cursos ofertados por organizações como a EMATER, etc. O artesão Fernando trabalha com artesanato em lã há quatro anos, desde que aprendeu o ofício em um curso realizado na Casa de Economia Solidária do Município e se encantou por ele. Ele ressalta a importância de buscar manter a essência artesanal e a identidade territorial nos produtos recriados: “A lã sempre foi utilizada neste tipo de peças de vestir que a gente faz, tudo feito à mão, inclusive por mais desenhos diferentes que a gente vem fazendo e pensando em inovar, a gente não quer perder a essência do artesanato”. A fala de Fernando representa a preocupação de muitos artesãos com a busca do equilíbrio entre a atratividade dos produtos no mercado contemporâneo e a manutenção do caráter de singularidade do artesanato construído no território.

Nesse sentido, Vargas (2016) esclarece que as peças em lã surgem do saber fazer repassado de geração em geração e configuram-se como símbolos do modo de vida do gaúcho do passado, reinventado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e por elementos contemporâneos como o apreço pelo autêntico e pelo rústico. A partir da pesquisa de campo realizada em Caçapava do Sul, a autora constatou que artesãs e artesãos do município passaram a diversificar seus produtos para se adaptar às demandas atuais do mercado onde os consumidores tem apreço pelo rústico ou cultivam as tradições inventadas. As peças em lã eram produzidas para as necessidades do trabalho na pecuária de corte e da vida rural. Atualmente, passam por uma ressignificação, sendo consumidas por um público exigente que busca novidade, autenticidade e rusticidade (VARGAS, 2016). No caso de Santana do Livramento, o público que busca pelo artesanato em lã é composto tanto por trabalhadores da pecuária, que buscam produtos tradicionais e duradouros, como o xergão, como pelo público urbano do território e por turistas, que buscam os atributos acima descritos por Vargas.

É unânime entre os (as) entrevistados (as) o gosto pelo artesanato em lã. O trabalho é percebido como gerador de renda, mas a possibilidade de fazerem o que gostam é ressaltada. Cada peça é feita com dedicação, aproveitando-se o tempo em que as mãos habilidosas tecem para deixar o pensamento solto ao longe ou escutar música, muitas vezes música gauchesca. “Me sinto bem, é uma coisa que é, parece que quanto mais eu trabalho, mais [...], é aquilo ali ó é minha vida, é meu viver, eu acho que o meu viver é aquilo ali, eu nasci pra trabalhar com

aquilo (Eraci). Assim, as peças em lã têm um sentido especial para a artesã e o artesão, assim como tem para o território.

Considerando que o artesanato é um dos meios mais importantes de representação da identidade, conforme Mello (2016), o potencial do artesanato em lã na mobilização do desenvolvimento territorial no pampa precisa ser mais valorizado. Nesse processo, também é importante que artesãos e artesãs se apropriem do sentido simbólico dos seus produtos, como defende Canclini (1983).

O apoio institucional para fortalecer o artesanato como expressão da identidade territorial é importante conforme pesquisa realizada por Mello (2016) nos territórios Quarta Colônia e Costa Doce, ambos do Rio Grande do Sul. Esse apoio institucional é fraco na realidade de Santana do Livramento, e precisa ser fortalecido no território.

TRAJETÓRIA DO ARTESANATO EM LÃ E TRAJETÓRIAS DE VIDA ENTRELAÇADAS

Os produtos são elaborados a partir da lã comprada na Cooperativa COOFITEC, localizada em Santana do Livramento. A lã chega limpa ao artesão (ã) que prepara o fio fino ou grosso na roca. Na sequência, a lã é chocada³. Logo após, passa-se para os teares de madeira, chamados de tear de pente, tear de prego e tear de parede, onde serão tecidos os produtos. No tear de pente, é feito o xergão fino, mantas e ruanas. No tear de parede, são feitos o xergão fino e o grosso e, no tear de prego, são feitos xergão fino, são elaboradas mantas, ruanas, etc.

O mercado da lã em Santana do Livramento é voltado, principalmente, para a comercialização da lã diretamente dos produtores para as barracas de lã. Estas, historicamente, compram essa lã e a revendem para fora do país, geralmente para o Uruguai. Entretanto, parte da lã sempre foi utilizada por artesãos e artesãs locais para elaborarem peças de vestuário e de montaria, seja oriunda diretamente das propriedades agropecuárias ou da COOFITEC.

Em 1908, começou a funcionar, em Santana do Livramento, o Lanifício Thomaz Albornoz, em forma de barraca de lã (SCHÄFFER, 1993; FERNANDES, 2009). Em 1939, o lanifício ganhou novos sócios e constituiu-se a firma Thomaz Albornoz & Cia. Mais tarde, em 1952, consolidou-se como empresa de industrialização de lã, com maquinário importando, contratando novos funcionários e iniciando as exportações (SCHÄFFER, 1993). Em 1996, após o fechamento da fábrica, ela passou a ser comandada pelos funcionários que se organizaram e fundaram a Cooperativa da Fiação e Tecelagem de Santana do Livramento (COOFITEC). Atualmente, a cooperativa tem 50 cooperados (as) e beneficia cerca de 50.000 kg de lã por semana. Essa cooperativa é a única fonte de lã limpa para os artesãos e as artesãs do território. Isso tem feito com que eles e elas se mobilizem em defesa da cooperativa, que enfrenta uma fase difícil.

³ “Chocar o fio” é colocar o fio depois de pronto de molho em água fria por uns dez minutos e, depois, tirar e deixar secar. Esse processo serve para não deixar o fio rebotar.

O artesanato em lã tem um sentido especial para Ana, assentada da reforma agrária no Assentamento Cerro dos Munhoz. Há cerca de 15 anos, ela aprendeu a tecer em um curso ofertado pela EMATER. Vinda da Região do Alto Uruguai, Ana e as demais assentadas sofreram com o frio intenso do inverno pampeano quando foram assentadas, há cerca de 25 anos. Assim, o trabalho com lã surgiu da necessidade de fazer cobertores e roupas para as famílias assentadas se aquecerem no inverno. Ademais, a lã estava disponível nos assentamentos.

“Aí quando a gente chegou que se deparou com essa realidade, e a partir das necessidades, a gente começou a trabalhar com lã, fazer cobertor, poncho, xergão. Vende muito bem xergão, e lá na nossa região também o pessoal não tem essa tradição de andar a cavalo” (Ana).

O trabalho foi organizado de forma coletiva pelas mulheres assentadas por meio da Associação Vera Lúcia. Embora tenha passado por alguns desafios e diminuído consideravelmente o número de integrantes, o grupo se mantém firme, composto pelas mulheres que resistiram, como fala Ana. As técnicas artesanais são historicamente atribuídas às mulheres, usando a lã como matéria-prima. Essas mulheres tinham o artesanato em lã como uma complementação de renda, embora muitas das vestimentas feitas por elas eram utilizadas pelos membros familiares (SAINT-HILAIRE, 1987).

As relações de amizade construídas no grupo são estímulos para a continuidade do trabalho com artesanato. O espaço coletivo da tecelagem é um espaço de interação, de convívio, uma oportunidade para as mulheres saírem do âmbito privado.

Adoro sair de dentro de casa um pouco, conversar com outras pessoas. Às vezes, tu estás ali nervosa preocupada com alguma coisa, achas que é só tu que tá sofrendo. Bah! Tu chegas lá vês que a tua colega, tua amiga, também tá sofrendo, também tá com problema, então isso ajuda a gente, a autoestima (Ana).

A valorização do trabalho e convívio coletivo também é feito pelo artesão Fernando, que participa da Associação Teares do Sul (Figura 3). Nas suas palavras: “Nós formamos esse grupo na finalidade da venda de ter uma renda semanal ou mensal, mas a gente formou um grupo que ficou muito unido e hoje em dia é como se fosse uma família”. A partir da entrada na associação, Fernando passou a participar ativamente do movimento de Economia Solidária, representando o grupo em diversos locais.

Figura 3 – Artesão Fernando (de boina vermelha), demais integrantes da Associação Teares do Sul na Casa de ECOSOL de Santana do Livramento



Fonte: Arquivo dos autores (2018).

Acompanhamos a trajetória de uma das artesãs de forma bem mais próxima. Dona Alba é mãe de um dos autores deste artigo. Ela é artesã há cerca de 30 anos, trabalhando com artesanato em lã há 15 anos. Ela já teve uma experiência de trabalho coletivo com a Cooperativa Lã Pura, entretanto, não deu certo. Atualmente, faz xergão e xerga (xergão mais grosso) em casa (Figura 4) e vende para uma correaria de fora da cidade.

Figura 4 – Artesã Alba fazendo fio na roca em sua casa



Fonte: Arquivo dos autores (2018).

É possível ver, em seus olhos, o prazer e a tranquilidade quando está tecendo no tear. Mesmo com toda a dificuldade que esse trabalho impõe, ela não desiste, mesmo saindo, muitas vezes, para vender e voltando cansada e sem dinheiro. Atualmente, ela está realizada, pois cuida do neto e faz xergão, conseguindo ficar perto da família e ter a sua renda própria. Alba é uma nova mulher, uma mulher cuja identidade foi construída no ofício de artesã e no contato com a lã.

Uma dificuldade enfrentada pelos artesãos e artesãs são os atravessadores, que levam os produtos por um preço mais baixo do que o habitual, pois irão revender. O xergão é o produto mais vendido tanto no município, quanto na região e em outros estados, como Santa Catarina e Paraná. A venda direta para o consumidor final é pouco representativa. Uma das necessidades que artesãos e artesãs do município enfrentam para o reconhecimento e crescimento econômico é a falta de um ponto comercial específico no centro da cidade, que seja reconhecido e divulgado.

CONTINUIDADES E MUDANÇAS: “AGORA EU TÔ CHIQUE! TENHO ROCA ELÉTRICA”

Ao longo das últimas décadas, houve muitas mudanças nas formas de fazer e de comercializar o artesanato. Entretanto, muitas práticas e modos de fazer continuam como antes. Conforme Tedesco (2012), os saberes passaram por transformações a partir de novas técnicas e conhecimentos, aperfeiçoados dia a dia, e passando a ser uma atividade rentável, que preserva aspectos culturais e tradicionais. Nesse sentido, o artesão Cesar chama a atenção para a mudança ocorrida na destinação do artesanato em lã. Há algumas décadas, quando ele iniciou o trabalho de artesão, o artesanato era destinado “para o gasto”, feito em pequenas quantidades na propriedade. Atualmente, a destinação é para a comercialização, e o número de peças feitas por artesão e artesã aumentou. Em alguns casos, como representado pela artesã Leci, que é moradora da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, a agregação de valor à atividade da ovinocultura, realizada pela família, continua acontecendo pelo artesanato.

Começou com o pessoal da EMATER. Eles foram nos mostrar como era o beneficiamento da lã, porque a gente só vendia para as barracas o véu inteiro. Aí ganhava pouco mais de nada. Eles mostraram a transformação da lã e a quantidade que ia dar. Tu vê que a gente vendeu um véu hoje deve star R\$ 6,00 ou R\$ 7,00 o kg. Aí tu faz um xergão, tu tira muito mais do que tu vender a lã (Leci).

Ocorreram mudanças na forma de trabalhar a lã ao longo do tempo. Todo o processo, desde a esquila das ovelhas até a elaboração das peças, era feito dentro da propriedade. Os artesãos e as artesãs viviam no rural. Atualmente, alguns e algumas vivem na cidade. Dona Eraci traz vivo na memória o saber fazer referente ao processo de lavagem, secagem e cardagem da lã. Há décadas, ela procedia da seguinte forma: a lã era lavada no arroio de modo rústico. Usava água fervida dentro de latas em uma fogueira para lavar a lã. Com a água quente, colocava a lã e ia socando com um bastão até absorver toda a água. “Vão dois véus de lã num balde de vinte litros, uns seis quilo de lã” (Dona Eraci). Desse modo, a lã soltava toda a cera. Logo depois, a lã era lavada na água corrente por pedaços e levada à cerca de arame farpado para secar. Dona Eraci lembra com detalhes os cuidados a serem tomados durante o processo:

“Tem que ser bem socado o balde, que aí solta aquela cera, aí tu vira em cima de uma bolsa de estopa daquelas e abafa dali tu vai tirando de pedaço e vai lavando na água corrente”.

Após lavar a lã, passava para a classificação. Os artesãos e as artesãs de Livramento dominam esse saber. Nessa fase, os pedaços de lã seca são abertos manualmente e são retiradas as sujeiras. Caso a lã fique muito enredada, será descartada. Quanto mais abre, mais sujeita se encontra e, assim, a lã vai ficando limpa e bem solta, parecendo um algodão. Na sequência, a lã é levada para a carda. Para cardar a lã manualmente, são usadas duas escovas quadradas de prego com cabo, fazendo o movimento ao contrário um dentro do outro. Essa lã cardada é utilizada para fazer o fio no fuso. O fuso é um cabo de madeira parecido com um cabo de vassoura que vai girando e encolando a lã até formar o fio. Quanto mais enrolado, mais fino é o fio. Com fio pronto, é só tecer a peça. Nas palavras de Dona Eraci:

Bueno, depois dali deixava secar. Aí tu classifica ela. Tira lã boa, tira lã ruim. Abre bem aberta ela, fica uma parte bem soltinha e outra parte que fica embaraçada. Aquelas duras, aquelas não prestam, aquelas vão fora. Só o que fica soltinho, tipo um algodão, fica bem soltinho. Aí, depois a gente abre ela bem abertinha, quanto mais tu vai abrindo, mais achando sujeirinha que não presta, que é descartável daquela lã ali. Aí tu carda ela na carda, depois tu vai fazer o fio. Quando eu aprendi o fio, eu aprendi o fio no fuso, aí tu faz o fio grosso e faz o fio fino, aí depois tu vai para o tear, tu une, depois tu tece, pra finalizar.

Embora o saber fazer correspondente a esse processo de preparação do fio da lã esteja bem vivo na memória da artesã, não é mais colocado em prática. Ele é representado como um trabalho árduo a ser realizado na propriedade. Hoje, parte considerável dos artesãos e das artesãs mora na cidade. Foi unânime a decisão de comprar a lã pronta para facilitar o processo. É costume trocar a lã suja por lã limpa na COOFITEC.

Faz uns vinte anos que compro a lavada da COOFITEC, eu lavei lã quando eu morei aqui na cidade, eu lavava a lã em casa e eu mesmo trabalhava. Mas o cheiro forte da lã prejudicava os vizinhos, os armazém, foi quando fui comprar lã da COOFITEC (Eraci).

Uma novidade anunciada com animação por Eraci é a utilização de roca elétrica. “Faço, agora eu faço na máquina, agora eu tô modificada, agora tô chique. Agora o fio fino eu faço na máquina, o grosso ainda não, porque não tive a possibilidade de fazer à máquina”. (Eraci).

Figura 5 – Roca elétrica com fios feitos por Alba



Fonte: Arquivo dos autores (2018).

Maria Ângela trabalha há 40 anos com artesanato em lã. Ela inovou com a organização de uma loja própria para comercializar seus produtos. Além disso, a artesã também dá alguns cursos. O saber fazer vem de uma senhora que pegava sobras de lã com seu pai, que também era artesão. Ela também buscou qualificação profissional em cursos. Com o passar do tempo, Ângela investiu em uma produção de forma mais bem elaborada, com seus teares, comprando lã de boa qualidade.

Meu marido ficou doente, aí não pode mais trabalhar em firma, aí trabalha comigo no artesanato. Depois o filho saiu do quartel e disse “eu não vou trabalhar em comércio e ganhar um salário mínimo e quem sabe vamos trabalhar” e eu “não tem problema, vamos trabalhar, espaço tem para trabalhar e o produto é vendável”. “Então tá, vou montar uma empresa para mim”. Mas aí ele montou a empresa dele, o artesanato dele e eu tenho o meu então. Quer dizer que nós temos duas firmas na mesma porque a gente tem uma clientela muito grande. A gente vende xergão até Paraná, Mato Grosso, Santa Catarina (Ângela).

No caso de Ângela, assim como da Associação Teares do Sul, existe a aposta em produtos diferenciados, além dos que ela define como rústicos: xergão, cobertor e pala. O leque de produtos envolve produtos variados para decoração, tapetes e vestimentas diferentes, como ponchos para mulheres e crianças. Além disso, Ângela faz tingimento, usa a técnica da feltragem, etc. Vanderlea também é adepta do tingimento: “Tinjo com casca de cebola, carqueja, café, caldo de feijão” [...].

Outro ponto de inovação é a utilização das redes sociais para comercialização. Pelo WhatsApp, ela consegue enviar fotos de produtos para clientes e fechar encomendas. A artesã Leci também menciona a possibilidade de abrir o leque de produtos, além do xergão e de alguns palas. Entretanto, o problema seria o aumento na demanda de tempo de trabalho.

Fizemos o fio e tecemos o xergão (ela e o marido). A gente fazia de tudo, tecia roupa pra mulher, manta, pala, cobertor, de tudo um pouco a gente fazia. A gente deixou umas peças aqui em Palomas pra vender e a gente vendeu tudo. Só que a roupa é mais

demorada, tem que ter um pouco mais de capricho. O fio também tem que ser melhor, então a gente não faz mais (Leci).

Figura 6 – Ângela com seus produtos em frente à sua loja



Fonte: Arquivo dos autores (2018).

Nos dias atuais, o artesanato em lã ganhou um destaque no mercado simbólico dos produtos gauchescos. Os produtos com características rústicas ganharam um olhar diferente de um novo mercado. Tais nichos de mercados chamam a atenção de um novo público, não apenas dos gaúchos, mas de turistas e pessoas não ligadas ao camperismo, mostrando a diversidade e a identidade alcançada pelas peças feitas de lã crua (DAVID; VARGAS, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saber e o fazer de artesãos e artesãs a partir da lã são marcas do pampa brasileiro. Esses saberes são repassados ao longo das gerações, no interior das famílias, e também recriados a partir de cursos. Alguns (mas) artesãos (ãs) entrevistados (as) trazem as transformações pelas quais passou o artesanato em lã no pampa inscritas em suas trajetórias de vida. Eles (as) são guardiões e guardiãs de saberes e memórias que compõem o patrimônio cultural do território.

O saber fazer de artesãos e artesãs dá origem a peças únicas onde se expressa a identidade territorial do pampa brasileiro. Esses (as) agentes sociais reforçam essa identidade através do seu trabalho, mesmo quando as peças são recriadas a partir de demandas do mercado. Enquanto cada peça recebe um pouco de quem a faz e do território, o artesão e a artesã também têm suas identidades construídas na relação com o artesanato em lã. Essa questão merece ser melhor estudada.

No contexto de globalização que vivemos também acontece um processo de ressignificação do que é singular, como o artesanato. Nessa configuração, a aposta no artesanato em lã, através do enaltecimento dos atributos culturais do território nele representados, mostra-se como uma promissora forma de promover o desenvolvimento territorial.

Esse artigo mostrou que o artesanato em lã é expressão da identidade do pampa brasileiro. É necessário avançar na valorização desse artesanato. Nesse sentido, a criação de políticas públicas para apoiar artesãos e artesãs e sua organização coletiva é importante. Cabe lembrar que, conforme Mello (2016), o artesanato em lã tem o potencial de potencializar o desenvolvimento territorial quando reconhecido como expressão identitária.

REFERÊNCIAS

- BRUM, C. K. Indumentária gaúcha: uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das pilchas. In: OLIVEN, R.; MACIEL, M. E.; BRUM, C. K. (Org). **Expressões da cultura gaúcha**. Santa Maria: EDUFMS, 2010, p. 65-96.
- DAVID, C.; VARGAS, D. L. (Org.) **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2018.
- FERNANDES, V. Dinâmica dos sistemas agrários na fronteira oeste: Sant’Ana do Livramento (século XV-XX). **Pampa sem fronteiras**, v, 1, n. 00, ago. 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Atlas geográfico**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santana-do-livramento/panorama>>. Acesso: 30 nov. 2018.
- _____. **Censo agropecuário 2017**. Disponível em <https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/pecuaria.html?localidade=43&tema=75674>. Acesso: 14 nov. 2018.
- LAYTANO, D. de. **História da República Riograndense (1835-1845)**. Porto Alegre: Sulina, 1983.
- MELLO, C. I. **Território feito à mão: artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul**. 2016. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2016.
- OLIVEN, R. G. O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 3, n. 9, p. 5-14, 1989.
- SAINT-HILAIRE, A. **A viagem do Rio Grande do Sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre, 1987.
- SAQUET, M. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SCHÄFFER, N. O. **Urbanização na fronteira**: a expansão de Sant'Ana do Livramento, RS. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

TEDESCO, J. C. Saberes e fazeres entre os afazeres: a dinâmica e os sentidos de produtos artesanais entre camponeses do norte e nordeste do RS. In: 36º Encontro Anual da Anpocs, GT 20: Metamorfoses do rural contemporâneo, 2012. **Anais...** Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt20-2/8068-saberes-e-fazeres-entre-os-afazeres-a-dinamica-e-os-sentidos-de-produtos-artesanais-entre-camponeses-do-norte-e-nordeste-do-rs/file>. Acesso em: 20 out. 2018.

VARGAS, D. L. **Tecendo tradição**: artesanato e mercado simbólico em uma comunidade rural do pampa gaúcho. 2016. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2016.

VIVES, V. de. A beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, B. et al. **O artesanão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZATTERA, V. B. S. **Cone Sul**: adereços indígenas e vestuário tradicional. Porto Alegre: Pallotti, 1999.

Artigo recebido em: 26/02/2019

Artigo aprovado em: 06/05/2019

Artigo publicado em: 22/05/2019